



A BRANQUITUDE ACRÍTICA REVISITADA E A BRANQUIDADE

Lourenço Cardoso¹

Resumo: Este artigo objetiva retomar e aprofundar os conceitos, que criei em 2008, denominado branquitude crítica e branquitude acrítica. Além de participar da discussão a respeito da distinção entre branquidade e branquitude, porque é um tema que começa a ganhar relevo na literatura científica social brasileira.

Palavras-chave: branco, branquitude acrítica, branquitude crítica, branquidade.

WHITENESS UNCRITICAL REVISITED AND WHITENESS

Abstract: This article aims to continue and deepen the concepts that I created in 2008, called critical whiteness and uncritical whiteness. And also participate of the discussion of distinction between whiteness and whiteness, since it is a topic that has been gaining importance in the Brazilian social scientific literature.

Keywords: White, uncritical whiteness, critical whiteness, whitenesse.

BLANCHITUDE ACRITIQUE REVISITÉ ET LA BLANCHITÉ

Résumé: Cet article vise à reprendre et approfondir les concepts, que j'ai créé en 2008, a appelé la blanchitude critique et la blanchitude acritique. En plus de participer à la discussion de la distinction entre la blanchité et la blanchitude, parce est un thème commence à gagner espace dans la littérature scientifique sociale brésilienne.

Mots-clés: Blanc; Blanchitude Acritique; Blanchitude Critique; Blanchité.

LA BLANQUITUD ACRÍTICA REVISITADA Y LA BLANQUITUD

Resumen: Este artículo objetiva retornar y aprofundar los conceptos, que he creado en 2008, denominado blanquitud crítica y blanquitud acrítica. Además de participar de discusiones a respecto de la distinción entre blanquitud y blanquidad, porque es un tema que empieza a ganar relevo en la literatura científica social brasileña.

Palabra-clave: Blanco; Blanquitud Acrítica; Blanquitud Crítica; Blanquidad.

¹ Bacharel e Licenciado em História pela PUC-SP, Mestre em Sociologia pela Universidade de Coimbra, Doutor em Ciências Sociais pela Unesp-Araraquara. Sua dissertação de mestrado e a tese de doutorado trataram do tema branquitude. E-mail: lourencocardoso@uol.com.br.



A BRANQUITUDE ACRÍTICA REVISITADA E AS “CRÍTICAS”²

Em trabalho anterior (Cardoso, 2008) denominei “branquitude crítica”³ aquela pertencente ao indivíduo ou grupo de brancos que desaprovam “publicamente” o racismo. Por outro lado, nomeei “branquitude acrítica” a identidade branca individual ou coletiva que argumenta a favor da superioridade racial. Para ilustrar diria que, os pesquisadores como Elisa Larkin Nascimento e César Augusto Rossatto⁴ exemplificam a branquitude crítica. Enquanto, brancos de pensamentos e/ou pertencentes a grupos de ultradireita, os integrantes dos grupos neonazistas, membros da “neo”-*Ku Klux Klan*, outros brancos que comungam com a ideologia da superioridade racial, mesmo que em silêncio. Enfim, todos aqueles que não desaprovam o pensamento e as práticas racistas.

Em relação ao critério de distinção entre as branquitudes como a “desaprovação pública” do racismo deve-se a constatação que nem sempre aquilo que é aprovado publicamente é ratificado no espaço privado. No ambiente particular, por vezes, opiniões ou teses podem ser desmentidas, ironizadas, minimizadas. Especialmente, quando se trata de questões referentes ao conflito racial no Brasil. Já bem dizia Florestan Fernandes, “o brasileiro possui preconceito de ter preconceito” (GUIMARÃES, 2005b, p. 77).

Portanto, ciente da tarefa complexa que é desvelar as práticas racistas que se apresentam disfarçadas, levou-me somente a considerar a atitude, opinião, expressão, tese do branco que desautoriza o racismo de forma pública. Os espaços privados, íntimos, os segredos dos brancos entre brancos a respeito da questão racial são difíceis de acessar. A mais, o fato de que sou negro e pesquisador das relações raciais é um elemento que interfere, inibe as manifestações ofensivas de cunho racial, ante a minha presença e da maioria dos negros. Enfim, diante de um negro “nenhum branco define-se

² As ideias deste artigo foram desenvolvidas com maiores detalhes e profundidade em minha tese de doutorado, Cf. Cardoso, 2014.

³ O conceito branquitude crítica e acrítica tem sido abordado nas produções recentes sobre branquitude entre elas, (MIRANDA; PASSOS, 2011); (MOREIRA, 2012); (SCHUCMAN, 2012); (LOPES, 2013). Além disso, os conceitos foram apresentados em forma de Comunicação oral na Conferência Sociedade Civil e Pós-Colonialismos: Um debate sobre os paradigmas para o entendimento da América Latina. Centro de Estudos Sociais América Latina, Universidade Federal de Minas Gerais, 04 a 06 de Agosto de 2009, p. 1-29. A Comunicação resultou em um artigo de minha autoria publicado In: CARDOSO, C. Lourenço. Branquitude acrítica e crítica: A supremacia racial e o branco antirracista. **Revista Latinoamericana de ciencias sociales, niñez y juventud**. v. 8, p. 607-630, 2010.

⁴ Pesquisadores das relações raciais. Cf. (NASCIMENTO, E., 2003) e (ROSSATTO; GESSER, 2001).



como racista”, por via de regra. Muito menos, um psicólogo, um sociólogo, um educador, um pesquisador de forma geral, especialmente, das relações raciais.

Diante de todos esses elementos, o pesquisador branco encontra menores obstáculos metodológicos para coletar esses tipos de informações. Os pensamentos guardados em segredo no espaço privado ou nos ambientes íntimos, onde é possível sentir-se a vontade para expressar algumas ideias reprováveis de forma ética, moral e legal pelo consenso social moderno. Em relação a isto alguns dos meus entrevistados disseram.

(O papo de brancos entre brancos em segredo)

É aquilo que eu já falei, é muito complicado você discutir questão racial entre dois brancos, o produto que vai sair é muito diversificado, entre os pesquisadores as conclusões são muitas. Vejo muito pesquisador, sociólogo reproduzindo também discursos extremamente racistas, entendeu? Vai depender muito. Quanto ao senso comum, haverá aquele que diz: “puxa eu não tinha parado para pensar sobre isso”, outros falarão: “você está exagerando as coisas não são bem assim”. Quanto aos pesquisadores que estudam a intenção é que você desse um salto para procurar entender os problemas, as questões e os dilemas que envolvem. Levando-se em conta que há tensão o tempo inteiro, as relações entre brancos e negros são tensas porque envolvem uma questão de poder. O branco tem o poder e ele quer manter o poder dele até o fim, o tempo inteiro. Já me deparei com casos de pessoas que entraram num consultório ou num hospital e falarem assim: “nossa”, esse que é o médico? Em razão de ser negro, entendeu? Se você perguntar para as pessoas nas ruas elas lhe dirão isto (Silvia).

Levando-se em conta a contradição de que todos nós praticamos. Diante da tarefa de conjugar o que se pensa com a forma de agir, ninguém se encontra livre de incoerências. Porém, não cabe deixar de considerar as observações de Silvia. O pesquisador branco das relações raciais pode reproduzir os pensamentos racistas vulgares do dia-a-dia no ambiente privado, meio as pessoas que confia, a ciência possui um caráter autobiográfico. A principal razão para o conflito seria a disputa pelo poder, segundo as palavras de Silvia. A questão do poder também afetaria os teóricos raciais brancos. O branco possui, praticamente, todo o poder, ser branco é ser poder (CARDOSO, 2010).

Ainda assim, não abrem mão de nenhum espaço, não faz concessão de nenhuma parte do que considera seu espaço, aquele de maior poder, prestígio e valor simbólico e econômico. Caso, da função de médico, não pelo o quanto se ganha, mais pelo o fascínio que exerce, devido aos conhecimentos técnicos que possui. Se o negro ocupa



essa profissão produz estranhamento na sociedade racializada como um todo. Em virtude de uma mentalidade com uma perspectiva desmedidamente branca.

(O papo de brancos entre brancos em segredo)

Existe aquela piadinha racista que o cara conta: Ah, o fulano ficou “puto” porque contei esta piada, mas tem motivo para ficar putos? Eles contam a piada para mim, mas não contam para o negro. Eles me vêem como cúmplice e quando você não entra na ideia da cumplicidade, causa certa frustração. Neste instante ele desconversa. Não, não foi bem assim, desculpa, foi brincadeira. O tema é complexo, algo, parecido com a conversa entre as mulheres. Elas dizem que sentem vontade de falar umas com as outras e que não se sentem a vontade para falar com a presença de um homem. E o homem também sente a vontade de falar uns com os outros e não falam perto de uma mulher. Nem quando tem aquele grau de intimidade, sua amiga de infância, mas, você não coloca isso, acho que seria uma relação de cumplicidade, de cumplicidade (Clayton).

Em segredo, nos diálogos entre brancos, as piadas racistas se proliferam, as piadas são semelhantes às piadas machistas que homens contam em segredo quando estão entre si. A presença de uma mulher já mudaria a dinâmica. No próximo trecho da entrevista o Clayton revelará que o branco de esquerda pode querer orientar o debate sobre a questão racial ou desqualificá-lo. Para mais, revela que a relação entre orientador branco e o orientador negro pode ter um caráter paternalista. Como se o negro fosse menos capaz do que o branco em termos de potencial acadêmico. Além disso, o orientador branco com orientando negro também pode manifestar seu racismo diante de brancos confiáveis em segredo.

Lourenço: Existe a questão de ser da esquerda também?

Clayton: Sim, mas veja bem, tem aquele apelo que é bem comum. Eu militei nisso, conheço isso. Faço parte disso, a própria pessoa não se dá conta. Até pessoas que estudam a temática que às vezes querem agenciar. Conheço muitos, sei lá professores que estudam a temática e que pegam orientandos, professores brancos, que pegam orientandos que não são brancos, que às vezes, soltam algumas coisas de racismo. Complicado né? Porque “é assim e assado”, coisa até desconfortável. Ou então tem aquela coisa do paternalismo, estou aqui pra te ajudar, uma relação que não tem com orientandos brancos.

Em suma, o critério de somente considerar o branco crítico aquele que desaprova o racismo publicamente, mostra-se ainda razoável. Levando-se em conta as nossas incoerências e também devo considerar a má-fé, a hipocrisia. Em público diz antirracista em privado ou com os seus em segredo revela-se como racista. Há outras



características possíveis de serem consideradas para distinguir a branquitude crítica da acrítica, assim como mostra a Tabela 1, na sequência.

Tabela 1
As características da branquitude crítica e acrítica

| A branquitude crítica | A branquitude acrítica |
|---|---|
| 1. Perfil. O branco de maneira em geral. | 1. Perfil. O branco de maneira específica, membros ou simpatizantes de grupos da “neo-KKK” e neonazistas e outros dessa linha. |
| 2. Desaprova o racismo publicamente. | 2. Não é racista, ele é “naturalmente” superior a todos os não-brancos. |
| 3. Difícil captar a desaprovação ao racismo no espaço privado. | 3. É público e notório que ele é superior. |
| → Maior dificuldade metodológica para o pesquisador negro, devido aos segredos entre branco e branco. | → A História comprova isto. |
| 4 Não critica de forma geral o privilégio branco. | 4. Não se baseia necessariamente na comprovação biológica de superioridade porque na atualidade se tornou uma tese insustentável. |
| 5. Vive sob o princípio da igualdade, em tese. | 5. Defende o privilégio branco. |
| 6. Vive sob o signo da modernidade. | 6. Desconsidera o princípio da igualdade. O princípio seria uma imposição “absurda” da Carta Magna. |
| 7. Ama, convive, “tolera”, “suporta”, convive hipocritamente com o Outro. | 7 Vive sob o princípio da desigualdade, apesar do anacronismo. |
| 8 Não prega o ódio racial. | 8. Vive sob o signo da Tradição. |
| 9 Ele é sincero, ele é hipócrita na sua concepção relativo ao negro. | 9. Não suporta o Outro. |
| | 10. Prega o ódio racial. |
| | 11 Ele possui características homicidas declaradas. |
| | 12. É sincero na sua concepção a respeito do negro. |

Elaborado pelo próprio autor



Mais a respeito da branquitude crítica, em breves comentários, seria o seguinte: A Tabela 1, ponto (3) mostra que branco crítico não questiona o privilégio racial. Isto acontece em virtude de ele ser ou agir como Drácula, isto é, “não se enxergar”, no sentido de se autocriticar. O (4), apesar da igualdade em Lei na prática ocorre à desigualdade racial (HASENBALG, 2005), ou se preferirem, as vantagens por ser branco. (6) Em termos de valores sócio-históricos, filosóficos o branco crítico vive sob o signo da modernidade, a igualdade “em tese” é um desses valores. O (7) branco crítico ama, convive, “tolera” (no sentido de quem diz, até ponto suporte estar com você), ele suporta, vive de forma hipócrita com o não-branco, isto é, na verdade não gostaria é obrigado. O (8), não prega o ódio racial, assim como não desaprova o racismo publicamente. O (9) o branco crítico pode ser sincero em sua relação de igualdade com o negro, no entanto, também existem os hipócritas.

No que se refere ao branco acrítico na Tabela 1, ponto (2), (3), (4) a branquitude acrítica não se considera racista, ela nasceu superior, como a tese biológica tornou-se insustentável, a História comprovaria a superioridade racial (CHESNEAUX, 1995). Os itens (5), (6), (7) defende a ideia de que o branco deve ser privilegiado mesmo em razão de ser branco, porque ele é melhor do que os Outros. (8) Vive sob o signo da tradição de que as pessoas nascem desiguais, os privilégios são por “nascença”, eles se justificam pelas ações do homem branco, suas virtuosidades na História, o embasamento teórico profundo tornou-se dispensável para explicar esse ponto de vista dogmático. (9) (10) (11) A branquitude acrítica não suporta o Outro e prega o ódio racial, neste sentido, pode assassinar pessoas e grupos motivados por esse ódio. (12) A branquitude acrítica, em regra, é sincera no sentido de que não gosta de negro e outras identidades culturais (HALL, 2005) as quais considera inferiores.

A branquitude acrítica, em resumo, diz respeito ao branco que não possui crítica em relação ao racismo. Ele realmente não tem consideração para com o Outro, poderia nem existir. Aqueles que existem devem realmente se subordinar a ele. O termo crítica pode ser usado em concepções diferentes, de acordo com os autores. Contudo, não deixa de ser um apontamento de um problema, o levantar de uma questão. Isto é, mostrar que as coisas poderiam ser diferentes e não são. No caso do racismo para o branco acrítico não há nenhum problema do negro ser maltratado, discriminado injustamente, receber



violência física ou moral, inclusive, ser assassinado por ser negro. Afinal, se trata de um negro, um ser inferior.

A crítica ao racismo ganhará maior vigor na comunidade internacional⁵ depois da Segunda Guerra Mundial. Devido ao extermínio de milhões de judeus e outros grupos motivado pelo ódio étnico-racial, entre outras razões. Com respeito a isso, cabe uma nota. (1) A branquitude crítica condena e analisa os acontecimentos deste período histórico. (2) Quanto à branquitude acrítica conserva, justifica e reescreve a História, numa perspectiva de heroificar Adolf Hitler. Além do mais, minimizam, ou negam o Holocausto.

A branquitude crítica e acrítica⁶ foi um conceito que propus inspirado pelo *Critical whiteness studies* (Estudos críticos da branquitude) (WARE, 2004a). Em relação aos estudos estadunidenses somente me inspirei em fazer uso do nome “crítica” com outro contexto e significado, nada mais do que isso. Jamais, pensei, ou proponho que a realidade brasileira se ajuste a produção sobre a identidade branca estrangeira. Elas podem ser referenciais teóricos úteis em alguns contextos como outros não. São úteis, principalmente, se não atrapalharem “a vida” (MARX; ENGELS, 2003), a realidade social brasileira.

Dito isso, as linhas de pesquisas dos Estados Unidos e do Reino Unido procuraram descobrir e distinguir os diferentes tipos de racismos. Enfim, eles estudam desde os atos racistas praticados no cotidiano até o assassinato motivado pelo ódio, deixando de distinguir, os diferentes perfis dos protagonistas. Eles diferenciam os tipos de racismos, entretanto, não distinguem os autores. Eles somente observam a especificidade da ação e não do sujeito da ação. Nessa lógica ao definirem a branquitude sustentam que uma de suas características seria ser homicida (WARE, 2004b).

A branquitude é diversa. O branco é, inclusive, antirracista. Portanto, não podemos definir a característica da branquitude como homicida, todas as pessoas são capazes de matar o outro, mas, essa não é necessariamente uma característica de quem vive pelo consenso ético e legal social moderno, de quem é fortemente regulado pela sociedade. Especialmente, o branco crítico, aquele que desaprova o racismo, mesmo quando é somente em público.

⁵ Principalmente, pelos países membros da Organização das Nações Unidas, ONU.

⁶ Cf. Cardoso, 2008.



Agora, quanto à branquitude acrítica, faz sentido considerar que uma de sua característica é ser assassina. Eles podem até mesmo não sentir culpa, pois o Outro é inferior. O problema deles é com a Lei, com a coerção que pode advir de seu ato. Portanto, a característica homicida não cabe a branquitude crítica, em tese⁷. Mas, cabe a branquitude acrítica. De forma semelhante que é necessário definir as diferentes práticas de racismos. Do mesmo modo, não compete deixar de distinguir a pessoa, ou grupo, que pratica racismo. Distinguir os variados tipos de sujeitos e de ações. As diferentes formas de branquitudes e as suas diferentes formas de manifestações.

As atuais literaturas científicas referentes ao branco-tema têm se confiado dessa tarefa (CARDOSO, 2010; SCHUCMAN, 2012; MOREIRA, 2012; LOPES, 2013). Isto é, ao papel de esquadrihar a diversidade do significado de ser branco e as manifestações de sua identidade racial. O conceito branquitude crítica e branquitude acrítica é apenas uma distinção entre tantas outras possibilidades a serem exploradas. No caso, das pesquisadoras Cláudia Miranda e Ana Passos (2011) propuseram, a partir do conceito de branquitude crítica, um método em que o branco antirracista poderia reconstruir sua identidade, no embate do dia-a-dia, no sentido de abolir a ideia de superioridade inerente a identidade branca.

Desse modo, enfrentam a angústia de se colocar contra o racismo e ser privilegiado por ele, em virtude de viver numa sociedade racializada. A questão de “desaprender” o racismo foi tratada por uma das pessoas que entrevistei, refiro ao César, um teórico da Educação.

(A tarefa de “desaprender” o racismo)

No filme *The Color of fear*⁸ eles viram o personagem branco racista admitir publicamente que ele cometeu um grande erro, ele pediu desculpa e tentou desaprender o racismo. Como resultado disso perdeu todos os amigos mais íntimos. O que significa isso? Ele estava rodeado de pessoas que pensavam como ele. Ele era um racista e por isso não sabia o que era pensar diferente, fora desse quadro (César).

A fala de César destaca que o personagem dedicou-se em mudar, esforçou-se em desaprender o racismo. Nisto, acabou por se “excluído”, “isolado”, “ignorado” do grupo que pertencia. O ostracismo que vivenciou foi porque admitiu ser racista publicamente e

⁷ A questão do racismo institucional, o assassinato de negro e a branquitude crítica, talvez seja um tema a ser explorado em trabalhos futuros.

⁸ A cor do medo.



ainda pediu desculpas. Assim escandalizou seus antigos colegas que persistiram com a mentalidade depreciativa em relação ao negro.

CRÍTICA E ACRÍTICA E O CONTEÚDO

No que diz respeito à distinção entre branquitude crítica e acrítica apresenta-se como necessária. Simplesmente, ao observarmos a produção acadêmica relativa à branquitude no Brasil e no exterior. Os trabalhos se referem à branquitude crítica, raramente, se encontra análise referente à branquitude acrítica. É possível explicar a razão pelo considerável obstáculo que significa acessar os grupos como os neonazistas ou neo-*Ku Klux Klan* e simpatizantes, etc. O branco crítico pesquisador terá que se disfarçar. O negro pesquisador somente lhe será possível realizar o trabalho escondido através da Internet, ao se disfarçar de branco. Na hipótese, de a tarefa ser realizada por um pesquisador acrítico, pela lógica, o produto consistirá em justificar as ideias do grupo.

Abreviando, há uma produção crescente referente à branquitude crítica, aquela que pratica racismo que não necessariamente chega ao homicídio⁹. Enquanto quase inexistem trabalhos que pesquisem a branquitude acrítica, essa que possui característica “abertamente” homicida. A branquitude acrítica age como quem diz: você que é “diferente”, leia-se não-branco, portanto, é justificável que você seja assassinado. A branquitude acrítica acentua seu traço racista inerente à identidade branca, o exemplo mais extremo de sua ação aparece nos casos de assassinatos e genocídios de não-brancos (WARE, 2004a). Enfim, ao contrário, do branco de branquitude, em particular os antirracistas, que podem se esforçar para “desaprender” o racismo. A branquitude acrítica potencializa a característica da identidade branca. Essa é mais uma característica que distingue os dois.

Não obstante o genocídio de judeus, ciganos, homossexuais¹⁰ efetuado pelos nazistas durante a 2ª Grande Guerra (ARENDDT, 2006, p. 559). Neste início de século

⁹ Isto não significa que o racismo praticado pela branquitude crítica, numa postura hipócrita, não tem atingido os negros, Cf <http://www.estadao.com.br/noticias/impresso,violencia-tira-173-ano-de-vida-de-negros--,1098510,0.htm>. O Instituto de Pesquisa Aplicada (Ipea) mostra que expectativa de vida do negro é menor do que a do branco, por causa da violência que o vitima. Cf. http://www.ipea.gov.br/portal/index.php?option=com_content&view=article&id=20607&catid=8&Itemid=6 (Consultado em 24 de Novembro de 2014).

¹⁰ *et. al.*



ressurgem e proliferam grupos neonazistas no Brasil e em outros territórios. Essa branquitude acrítica sustenta-se na ideia de uma superioridade racial. Apesar de viver um contexto em que essa tese é francamente desautorizada e rechaçada pela comunidade internacional ocidental. Eles estão presentes de forma individual ou coletiva.

As organizações neonazistas, os outros que comungam pensamentos de ultradireita, crescem e se fortalecem. Eles fazem uso da Internet como ferramenta de contato e mobilização. O contato virtual serve também ao propósito de se esquivarem das penalidades da Lei. Ou mais concretamente, são cautelosos para que não tenham que responder pelos “crimes de ódio” e/ou crimes contra a humanidade no Brasil e fora.

Em verdade, a branquitude acrítica quando se expressa de maneira extrema pratica extermínios. Quando age de forma mais “branda” pode procurar se inserir no jogo democrático. Os seus discursos racistas e xenofóbicos podem ser disfarçados na forma de pensamento religioso tradicional e/ou perspectiva nacionalista. Ao utilizar de estratégias como essas podem se inserir nas disputas eleitorais. Para, quem sabe, caso alcance o poder, mudar a constituição, promulgar outra sob o princípio da desigualdade. Além de fazer uso da máquina do Estado de forma direta¹¹ para perseguir todos aqueles que consideram indesejáveis a começar pelo negro.

A TEORIA CRÍTICA E A CRÍTICA DA CRÍTICA CRÍTICA

Diante de tudo mencionado, o que importa reter é o seguinte: o conceito, branquitude crítica e branquitude acrítica, elaborei inspirado nos *Estudos Críticos da Branquitude*. Os frutos desses estudos são elaborações teóricas sobre a branquitude crítica em geral. O Brasil segue nesta mesma linha. As pesquisas a respeito da identidade branca concentram-se na branquitude crítica. Evidentemente, trata-se de uma tarefa complicada e perigosa o contato direto com a branquitude acrítica. Por parte daqueles brancos que desautorizam o racismo (publicamente) e especialmente para o

¹¹ O Estado ao fazer uso do braço armado, a polícia, mais do que perseguir os negros tem matado, assim como mostra os dados do Ipea http://www.ipea.gov.br/portal/index.php?option=com_content&view=article&id=20607&catid=8&Itemid=6 (Consultado em 24 de Novembro de 2014). Os responsáveis por isso é a mentalidade da branquitude crítica que domina o Estado. A perseguição aos negros não direta, uma declaração pública, não entando, faz parte do racismo inserido na estrutura brasileira (BENTO, 2002b).



negro. Todavia, isto não significa que a pesquisa não deva ser realizada.

A academia, a sociedade, de forma geral, necessita compreender com maior propriedade as pessoas e grupos que justificam e defendem a tese de ódio ao Outro. Eles que se consideram no direito de agredir, de matar, o não-branco simplesmente porque são brancos. A produção teórica referente à branquitude no Brasil compete não se omitir em relação à branquitude crítica. Afinal, eles são no mínimo uma ameaça à possibilidade de convívio social entre os diferentes grupos que pertencem à sociedade.

Quanto à palavra “crítica” e aos Estudos Críticos da Branquitude, ao qual me baseei, alude à tradição da Teoria Crítica no sentido em que primeiramente propôs Max Horkheimer (2009). O filósofo alemão ao escrever a respeito da Teoria Crítica e Teoria Tradicional vai pontuar o que considera Teoria Crítica (*id, apud*). No sentido de tentar recuperar suas ideias centrais, em primeiro lugar, cabe questionar, novamente, para que serve a crítica? Poderíamos dizer que ela serve para mostrar como as “coisas deveriam ser” (NOBRE, 2004).

Logo, “elas não são”. Quem melhor mostra como que “as coisas não são” “o que deveriam ser” é a “Prática”. Quanto a Teoria ela mostra “como as coisas são”, ou melhor, a Teoria Tradicional mostra “as coisas como são”. Ela também se encontra distanciada da “Prática” por causa do princípio teórico-metodológico de neutralidade, pressuposto que se justifica para obter maior objetividade nas Ciências Humanas.

O filósofo Horkheimer criticará a separação entre “Teoria” e “Prática” (*id, ibidem, passim*). Não nos caberia nem uma “ação cega”, sem base teórica, nem um “conhecimento vazio”, distante da prática. Isso significa que somente é possível mostrar “como as coisas são” a partir da perspectiva “de como elas poderiam ser”. Assim como bem disse Boaventura de Sousa Santos que “a existência não esgota as possibilidades de existência” (SANTOS, 2002, p. 23). Abreviando, a Teoria Crítica procura entender o mundo a partir do melhor que ele poderia ser (NOBRE, 2004). Ela não se abdica das potencialidades não realizadas do presente. A Teoria Crítica situa-se no universo teórico de Karl Marx (*idem, op. cit*). Ela objetiva continuar a sua tradição.

Contudo, ela pode romper com sua ideia de Revolução¹² (*idem, Loc. cit*), no sentido de que pretende potencializar as possibilidades emancipatórias do seu momento histórico. Marx pensa no mundo que supere o Capital, enquanto o “teórico crítico” pode

¹² Revolução no sentido de objetivar um mundo que supere o Capital.



vir a potencializar as possibilidades emancipatórias da própria sociedade capitalista (*idem, Loc. cit, passim*). A Teoria Crítica é uma vertente “continuadora” de Marx, mas, não se restringe ao autor, pois a verdade seria Histórica. Por isso, compete dar conta da realidade conforme ela se apresenta nos determinados momentos históricos.

O tempo de Marx não é o mesmo dos teóricos críticos. Por isso, é possível romper com algumas de suas teses. Mesmo porque o teórico tem de acompanhar o movimento histórico. Enfim, a Teoria Crítica expandiu-se, tornando-se muito diversa. Contudo, mantém dois princípios: (a) Orientação para emancipação; (b) manter o comportamento crítico (NOBRE, 2004). Quanto à emancipação estaria ligada a prática com o objetivo de transformação social (HORKHEIMER, 2009). A respeito do comportamento crítico contemporâneo não se restringe a realidade ao que existe (SANTOS, 2002). Resta dizer que a Teoria Crítica desvela o caráter social, cultural e filosófico e mais preponderantemente econômico encoberto pela produção da Teoria Tradicional.

Diante de tudo isso, com base em Chasin (2000) e Rago (2008), arriscaria dizer que, Marx, poderia questionar a ideia de possibilidade emancipatória na sociedade capitalista. Por exemplo, a busca de se conquistar a liberdade “como ela deveria ser” ou próximo “do que deveria ser” em nossa sociedade (Nobre, 2004). Quanto à questão da “Crítica”, encontramos um momento interessante de utilização desse conceito no livro *A Sagrada Família ou a crítica da Crítica crítica: contra Bruno Bauer e consortes* no próprio Karl Marx e Friedrich Engels. Em linhas gerais, utilizam de ironia em várias passagens da obra. De início, escreve uma palavra Crítica com “C” maiúsculo seguida por outra palavra homônima com “c” minúsculo¹³, trata-se da “Crítica” “crítica”. Eles criticarão essa “Crítica crítica”, a linha de pensamento neo-hegeliano cujo expoente é Bruno Bauer.

Em síntese, a crítica vai contra o idealismo especulativo (Marx; Engels, 2003). Em outras palavras, Bruno Bauer e seus seguidores, isto é, a Crítica crítica realiza uma crítica do “mundo subtraindo o mundo concreto”. Ele parte do “conceito” para “vida”, e não da “vida” para o “conceito”. A Crítica crítica seria a porta-voz da crítica efetiva do mundo, anulando as determinações concretas da vida.

Para concluir, revelo que o diálogo com *A Sagrada Família* (*id. op. cit*) voltarei

¹³ É uma tradução para o português que pretendeu manter a ideia irônica, com uma de comicidade da obra original.



quando tratar do conceito branquitude e branquidade. Por ora, cabe recapitular que, a Teoria Crítica, com base na tradição marxista, desvela o caráter “sócio-econômico” da produção científica. A epistemologia feminista mostra o elemento patriarcal. A teoria racial o elemento “racial”, leia-se, negro, com encobrimento do branco. A teoria a respeito da branquitude “descobre-o” e finalmente o conceito branquitude crítica e acrítica aponta o encobrimento do branco acrítico na própria produção científica referente à identidade branca.

A BRANQUITUDE E A BRANQUIDADE: O CONCRETO E A ABSTRAÇÃO

Na literatura científica, a proposta de maior distinção e detalhamento sobre os termos branquitude e branquidade mostra-se como uma pauta de interesse de dois novos pesquisadores da identidade branca Camila Moreira e Joyce Lopes (LOPES, 2013). Contudo, quem se destaca é a Camila Moreira em virtude que levantou bons questionamentos a respeito aos quais a Joyce Lopes repensou (MOREIRA, 2012). Em futuros trabalhos pretendo dialogar com Camila Moreira, neste instante, cabe rememorar o percurso histórico dos termos. Em nossa teoria social, o termo branquitude é o mais utilizado pelos pesquisadores para se referir à identidade branca, ou se preferirem, a identidade racial do branco.

Para essa utilização, o livro *Psicologia do racismo: Estudos sobre branquitude e branqueamento no Brasil* (CARONE; BENTO, 2002) foi decisiva. Para ser mais preciso, o artigo de Maria Aparecida da Silva Bento *branquitude e branqueamento* (Bento, 2002a) e a sua tese *Pacto narcísicos no racismo* (*id*, 2002b) foram categóricos para que a maioria (dos poucos que existem) optasse por fazer uso do termo branquitude.

Antes de *Psicologia Social do Racismo* (*op. cit*), a maior referência referente ao negro-tema no Brasil foi Guerreiro Ramos. Ele que com o ensaio *A Patologia Social do “branco” brasileiro* (Ramos, 1995[1957]b) referiu-se a identidade branca com o termo brancura. Logo, o termo “branquitude” utilizado por Maria Aparecida Bento já se coloca como a atualização do termo “brancura” utilizado por Guerreiro Ramos (*id, op. cit*). Quanto à brancura diz respeito à corporeidade do branco, assim como havia



mencionado¹⁴. De minha parte, optei por esse termo, como revelei em trabalho anterior (CARDOSO, 2008), por causa de ter sido essa a escolha dos pesquisadores do tema que vieram antes, especialmente, Maria Aparecida Bento (2002a;b).

Diante disso, fica a questão, se ela tivesse optado por utilizar o termo branquidade, faria uso do termo branquidade? A resposta é sim. Naquela ocasião os termos não apareciam como distintos e sim como sinônimos, em nossa literatura científica. Dois anos depois, do livro de Carone e Bento (2002a) o termo branquitude também se coloca nas publicações acadêmicas brasileiras como tradução de uma palavra de origem inglesa *Whiteness* (WARE, 2004a). O termo da mesma forma foi traduzido por “branquidade”. Contudo, a opção ainda mais utilizada pelos pesquisadores da área persiste em ser “branquitude” (OLIVEIRA, 2007; CARDOSO, 2008; SCHUCMAN, 2012; LOPES, 2013). Dessa forma se evidencia o uso dos termos “branquitude” e “branquidade” como sinônimos.

De modo mais concreto, Liv Sovik utiliza o termo branquitude e branquidade como sinônimos em duas distintas publicações (SOVIK, 2004; 2009). Refiro ao artigo *Aqui ninguém é branco*, publicado em 2004, e o livro de título homônimo de 2009 (*op. cit.*). O uso do termo branquidade, em 2004, seguiu a linha editorial da publicação *Branquidade* (WARE, 2004a). Um livro organizado por uma britânica com a participação de autores estrangeiros a respeito de *Whiteness* traduzido para língua portuguesa pela Vera Ribeira como branquidade (*loc. cit, passim*). A Liv Sovik que é suíça naturalizada brasileira foi a única a tratar da realidade social brasileira. Abreviando, os termos “branquitude” e “branquidade” nessas duas publicações, ilustra bem, a utilização dos termos com o mesmo significado.

A distinção entre os termos branquitude e branquidade aparece em 2005, trata-se de uma proposta de Edith Piza (2005). Porém, a ideia passa a ganhar maior vigor com Camila Moreira (2012). A branquidade diria respeito à identidade racial do branco que não questiona seus privilégios raciais e a branquitude se refere aquele que questiona as vantagens raciais, caso da própria Edith Piza (*op. cit.*). A autora propõe a distinção depois que a própria fez uso do termo branquitude em trabalhos anteriores (*id, 2000; 2002*). Trata-se de uma proposta, uma ideia sem lastro na realidade até o presente

¹⁴ Cf. Cardoso, 2008.



momento. Aqui podemos dialogar com Marx e Engels de *A Sagrada Família* (2003). É um conceito que se coloca na vida, não da vida que se extrai o conceito.

Em outras palavras, até o presente momento, a branquitude tem se colocado como a identidade racial do branco e uma de suas características principais é o privilégio racial. O branco crítico antirracista, por exemplo, o ativista social coloca-se contra o seu privilégio racial, entretanto, não deixa de obter vantagem por ser quem é. A construção da identidade branca antirracista é uma tarefa a ser realizada dia-a-dia, uma tarefa árdua enquanto o racismo persistir.

Logo, a branquitude significa a identidade racial de um branco crítico antirracista que critica seus privilégios raciais. No contexto brasileiro, quem melhor se insere neste perfil é o pesquisador branco de branquitude. Ou mais concretamente, a própria Edith Piza. Isso significa que, a autora propõe um conceito para benefício próprio, para se diferenciar; situar-se num patamar hierárquico acima. Isto é, o branco com branquitude encontra-se num nível elevado superior ao branco com branquidade. Em virtude de que é autocrítico contra os privilégios raciais, enquanto o branco com branquidade não é. Porém, tanto branco com branquitude quanto com branquidade serão tratados da mesma forma pela sociedade.

Quanto à questão da reeducação do branco no sentido de uma construção de uma mentalidade não racista os estudos e as práticas antirracistas têm colaborado neste sentido. Os estudos referentes à branquitude se inserem nesse encadeamento. A maneira como ele tem se apresentado ao utilizar o termo branquitude ou branquidade, por enquanto não se mostrou relevante. De outro modo, o impacto dos estudos dos pesquisadores brancos que estudam o branco-tema na reconstrução da branquidade, numa positivação a qual Edith Piza poderia denominá-la como branquitude cabe ser melhor analisado.

Em outras palavras, qual o papel de brancos como Ana Helena Passos (2013), Lia Schucman (2012) na construção de uma sociedade não racista ao focar o branco compete ser considerado e analisado. Elas e outras que são as poucas pessoas que melhor se encaixam nesta proposta de “branquitude” de Edith Piza (2005). Um projeto, um desejo, um conceito, na minha concepção, sem lastro de realidade histórica¹⁵.

¹⁵ A distinção branquitude e branquidade colocada por Edith Piza baseia-se fundamentalmente na ideia de negritude e negridade. O termo branquidade que propõe baseia-se na negridade e o termo branquitude na negritude. A negridade seria uma concepção do ativismo negro dos anos 1930 que busca se integrar no



Contudo, não deixa de ser uma proposta desafiadora que Camila Moreira (2012) já se incumbiu de desenvolver. Aguardemos.

A pesquisadora Joyce Lopes (2013) também comentou a respeito. Ela defende a ideia de que a distinção entre branquitude e branquidade é mais uma proposição do que um fato. Além de uma atitude “salvacionista” para o próprio grupo branco, do perfil de Piza (2005). Obviamente, estou plenamente de acordo com esse ponto de vista.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARENDDT, Hannah. *As origens do totalitarismo*. 2ª ed., Trad. Roberto Raposo, Lisboa: Dom Quixote, 2006.

BENTO, Maria Aparecida da Silva. Branqueamento e branquitude no Brasil. In: CARONE, Iray e BENTO, Maria Aparecida da Silva (Org.) *Psicologia social do racismo: estudos sobre branquitude e branqueamento no Brasil*. Rio de Janeiro: Editora Vozes, 2002, p. 25-57(a).

_____. *Pactos narcísicos no racismo: Branquitude e poder nas organizações empresariais e no poder público*. (Tese de doutorado), São Paulo: Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo, Departamento de Psicologia da Aprendizagem, do Desenvolvimento e da Personalidade, 2002(b).

CARDOSO, C. Lourenço. Branquitude acrítica e crítica: A supremacia racial e o branco anti-racista. *Revista Latinoamericana de ciencias sociales, niñez y juventud*. v. 8, p. 607-630, 2010.

_____. *O branco “invisível”: um estudo sobre a emergência da branquitude nas pesquisas sobre as relações raciais no Brasil (Período: 1957-2007)*. [Dissertação de mestrado], Faculdade de Economia e Centro de Estudos Sociais da Universidade de Coimbra, 2008.

_____. *O branco diante a rebeldia do desejo: um estudo sobre a branquitude no Brasil*. [Tese de Doutorado]. Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, Brasil, 2014.

“mundo branco” rejeitando sua história cultural diaspórica. Haja vista que, a cultura ocidental, os valores, eurocêtricos, branco-cêtricos seriam mais elevados. É uma concepção de negro que rejeita parte de si e procura ser “educado”, digo no sentido de absorver os valores do universo do branco. A negritude por outro lado refere-se ao negro que se aceita por inteiro em termos corporais e culturais. A partir dessa ideia de negritude e negritude que Piza propõe a distinção branquidade e branquitude nos termos que já expus. Porém, na história dos conceitos, não necessariamente o termo branquidade surge do termo negritude, ele pode ser cunhado através de uma tradução do termo *Whiteness* por exemplo. Além disso, mesmo que a negritude rejeite parte de si, não deixa de ser uma positivação da ideia de negro num período muito próximo da abolição. Portanto, se encontra mais próxima do conceito negritude, nos termos que coloca Piza (2005), do que distante.



CHASIN, J. Rota e prospectiva de um projeto marxista. *Revista Ensaios Ad Hominem*. Santo André: Estudos e Edições Ad Hominem, n. 1, t. III, 2000.

GUIMARÃES, Antonio Sérgio Alfredo. *Racismo e Anti-racismo no Brasil*. 2ª ed, São Paulo: Editora 34, 2005(b).

_____. Racial democracy. In: SOUZA, Jessé e SINDER Valter (org.). *Imagining Brazil* (Global Encounters) 1ª ed. Lanham, Md.: Lexington Books, p. 119-140, 2005(a).

HALL, Stuart *A identidade cultural na pós-modernidade*. 10ª ed, RJ: DP&A editora, 2005.

HORKHEIMER, Max. *Teoria Tradicional y Teoria Crítica*. Espanha: Editora Paidós Espanha, 2009.

LOPES, Joyce. Souza. Pontuações e proposições ao branco/a e à luta antirracista: ensaio político-reflexivo a partir dos Estudos Críticos da Branquitude. V SIMPÓSIO INTERNACIONAL LUTAS SOCIAIS NA AMÉRICA LATINA, 2013, Londrina. *Anais...* Londrina: GEPAL, 2013. p. 134-150.

MARX, Karl; ENGELS, Friedrich. *A Ideologia Alemã*. São Paulo: Martins Fontes, 2002.

_____. *A Sagrada Família. Ou a Crítica da Crítica crítica: contra Bruno Bauer e consortes*. São Paulo: Boitempo, 2003.

MIRANDA, Claudia; PASSOS, Ana Helena. Estudos críticos da branquitude e Educação afrocentrada: novos aportes para uma educação anti-racista. XI CONGRESSO LUSO AFRO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS SOCIAIS, 2011, Salvador. *Anais...* Salvador: Editora da UFBA, 2011.

MOREIRA, C. Branquitude X Branquidade: Uma análise conceitual do ser branco. III EBECULT - ENCONTRO BAIANO DE ESTUDOS EM CULTURA, 2012. *Anais...* Cachoeira: 2012.

NASCIMENTO, Elisa Larkin. *O Sortilégio da Cor. Identidade, raça e gênero no Brasil*. 1. ed. São Paulo: Summus/ Selo Negro, 2003.

NOBRE, M. *A Teoria Crítica*. 1. ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2004.

OLIVEIRA, Lúcio Otávio Alves. *Expressões de vivência da dimensão racial de pessoas brancas: representações de branquitude de indivíduos brancos*. (Dissertação de mestrado), Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Programa de Pós-graduação em Psicologia, Universidade Federal da Bahia, 2007.

PASSOS, Ana Helena Ithamar. *Um estudo sobre branquitude no contexto de reconfiguração das relações raciais no Brasil, 2003-2013*. [Tese de Doutorado], Departamento do Serviço Social, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, 2013.



PIZA, Edith. Branco no Brasil? Ninguém sabe, ninguém viu. In: HUNTLEY, Lynn; GUIMARÃES, Antonio Sérgio Alfredo (org.). *Tirando a máscara: ensaios sobre o racismo no Brasil*. São Paulo: Paz e Terra. 2000, p. 97-125.

_____. Adolescência e racismo: uma breve reflexão. *Ano 1. Simp. Internacional do Adolescente*. 2005.

_____. Porta de vidro: entrada para branquitude. In: CARONE, Iray; BENTO, Maria Aparecida da Silva (Org.). *Psicologia social do racismo: estudos sobre branquitude e branqueamento no Brasil*. Rio de Janeiro: Editora Vozes, 2002, p. 59-90.

RAGO FILHO, A. A filosofia de José Arthur Giannotti: marxismo adstringido e analítica paulista. *Verinotio* (Belo Horizonte), v. 9, p. 107-133, 2008.

RAMOS, Alberto Guerreiro. *Introdução crítica à sociologia brasileira*. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 1995[1957](a).

_____. Patologia social do “branco” brasileiro. In: _____. *Introdução crítica à sociologia brasileira*. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 1995[1957], p. 215-240(b).

_____. O problema do negro na sociologia brasileira. In: _____. *Introdução crítica à sociologia brasileira*. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 1995[1957], p. 163-211(c).

ROEDIGER, David R. *Towards the Abolition of Whiteness*. London, New York: Verso, 2000.

ROSSATTO, César; GESSER, Verônica, A experiência da branquitude diante de conflitos raciais: estudos de realidades brasileiras e estadunidense. 2001 In: CAVALLERO, Eliane. *Racismo e anti-racismos na educação: repensando a escola*. São Paulo: Editora Selo Negro, 2001, p. 11-37.

SANTOS, Boaventura de Sousa. *A crítica da razão indolente: contra o desperdício da experiência*. Para um novo senso comum: a ciência, o direito e a política na transição paradigmática. vol. 1, 4ª Ed. Cortez: Editora, 2002.

SCHUCMAN, Lia Vainer. *Entre o "encardido", o "branco" e o "branquíssimo": raça, hierarquia e poder na construção da branquitude paulistana*. [Tese de Doutorado], Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo, 2012.

SOVIK, Liv. *Aqui ninguém é branco*. Rio de Janeiro: Aeroplano, 2009.

_____. Aqui ninguém é branco: hegemonia branca no Brasil. In: WARE, Vron (org.) *Branquidade: identidade branca e multiculturalismo*. Rio de Janeiro: Garamond. 2004, p. 363-386.

_____. Por que tenho razão: branquitude, estudos culturais e a vontade da verdade acadêmica. *Contemporânea, Revista de Comunicação e Cultura Journal of*



Communication and culture. vol. 3, nº 2, p. 159-180, julh. Dez, 2005.

WARE, Vron. (org.). *Branquidade: identidade branca e multiculturalismo*. Rio de Janeiro: Garamond, 2004(a).

_____. Introdução: O poder duradouro da branquidade um problema a solucionar. In: _____ (org.). *Branquidade: identidade branca e multiculturalismo*. Rio de Janeiro: Garamond, 2004, p. 7-40(b).

WRAY, Matt. Pondo a ralé branca' no centro: implicações para as pesquisas futuras. In: _____ (Org.) *Branquidade: identidade branca e multiculturalismo*. Rio de Janeiro: Garamond. 2004, p. 339-361.

Recebido em março de 2014
Aprovado em maio de 2014